

MR15: Criando gentes e antropologias: maternidades dentro e fora das universidades

Coordenação: Renata Albuquerque (FCL)

Participantes: Dayana de Cordova (UFSCar), Marina Novo (Unicamp), Tatiane Duarte (UnB)

Resumo:

As maternidades têm ocupado cada vez mais espaço nas discussões acadêmicas, mobilizando pesquisas, publicações e articulações variadas nos diferentes campos das Ciências Sociais. Esse cenário se acentuou no contexto da pandemia de COVID-19, com o escancaramento da centralidade das tarefas reprodutivas na organização da vida social. A sobrecarga materna expõe a relação do trabalho reprodutivo com o trabalho acadêmico e convida novos diálogos sobre o trabalho em antropologia. Trabalhos de campo prolongados, imersão em contextos perigosos, rotinas de trabalho e estudo incompatíveis com o cuidado de crianças, ambientes universitários despreparados para o acolhimento de lactantes, financiamentos de pesquisa que não consideram as especificidades das dinâmicas familiares. Esses e outros tantos cenários são recorrentes no fazer antropológico e têm sido aceitos como universais, servindo como parâmetro para a organização da disciplina. Esta Mesa Redonda tem o objetivo de discutir sobre como as antropólogas articulam o trabalho acadêmico e intelectual com o manejo das redes de cuidado em que estamos inseridas. Buscamos refletir sobre o que significa ser mãe e antropóloga, considerando as particularidades (ou lugares comuns) que o campo da antropologia traz para essas experiências da vida e identificando os desafios enfrentados pelas pesquisadoras-mães em um cenário político que promove a precarização do trabalho com pesquisa.

Mães em campo: sobre fazer etnografia pós-maternidade

Autoria: Marina Novo

A antropologia enquanto disciplina tem, na etnografia, um de seus principais diferenciais metodológicos e críticos. A combinação do processo de imersão em campo com a posterior imersão textual compõem uma prática que alimenta e é alimentada pela teoria, criando um corpus bastante robusto que dá substância à disciplina. Ao longo das últimas décadas, muito já se debateu acerca do fazer etnográfico e seus desafios e peculiaridades, especialmente no que diz respeito à presença (ou não) do autor no texto, bem como à própria ideia de autoria. Todavia, muito pouco (ou nada) se falou sobre as condições de produção desse conhecimento, quando se trata de pesquisadoras que são ou que se tornam mães ao longo de suas pesquisas. Quais as implicações dessa transformação na condição de vida dessas pesquisadoras em suas práticas de pesquisa e produção de textos? De que forma a maternidade impacta ou não, nas relações de pesquisa e nas etnografias produzidas? A intenção desta fala será, a partir do relato de pesquisadoras-mães, refletir, por um lado, sobre a invisibilidade e as dificuldades impostas pela maternidade nos espaços acadêmicos e, por outro lado, sobre os potenciais impactos positivos dessa experiência de criar gente no processo de produção de etnografias.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

